

GIGANTES PROTEGIDAS

Proposta japonesa de liberar novamente a caça de baleias no mundo é rejeitada pela Comissão Baleeira Internacional

Por Melissa Schröder / Edição de André Schröder

02/10/2018

É um espetáculo anual. De julho a novembro, baleias dos mares gelados da Antártida — em especial das espécies franca e jubarte — visitam o litoral brasileiro em busca de águas mais quentes para a temporada de reprodução. O avistamento desses animais, hoje uma atração turística em muitas cidades praianas, é celebrado pelos amantes da natureza. Isso porque os maiores mamíferos do mundo foram alvo de caça comercial do século 17 até há pouco tempo, atividade que deixou vários tipos de baleia à beira da extinção. A matança teve fim em 1986, quando a Comissão Baleeira Internacional (IWC, na sigla em inglês), instituição criada em 1946 para regular a caça de baleias e ajudar na sua preservação, proibiu o comércio das gigantes. O objetivo: recuperar as populações de baleias devastadas ao longo dos anos.

Passados mais de 30 anos desse marco pela preservação, porém, proteger as baleias continua sendo uma tarefa árdua. A ameaça mais recente aconteceu na 67ª Reunião Anual da Comissão Baleeira Internacional, realizada no mês de setembro, na cidade de Florianópolis, em Santa Catarina. No evento, que contou com a participação de mais de 80 países, foi votada a proposta para colocar fim à proibição da caça comercial, uma ideia encabeçada pelo Japão, que há anos quer a liberação de uma “caça sustentável”. O país asiático conta com apoio de outras nações que também possuem tradição na caça do mamífero, caso da Islândia e da Noruega, por exemplo. Felizmente, os 75% de votos necessários para mudar a situação não foram atingidos. Brasil, Estados Unidos, Argentina e outras nações contrárias à proposta somaram 41 votos, diante de 27 que foram favoráveis. Coreia do Sul e Rússia se abstiveram.

Ambientalistas e organizações de proteção festejaram a decisão. E a manutenção da proibição da caça não foi a única conquista. Na mesma reunião, a comissão aprovou a Declaração de Florianópolis, documento que definiu que o dinheiro e os recursos da Comissão Baleeira Internacional serão inteiramente destinados para conservação dos animais a partir de agora. O Brasil comemorou. Membro da IWC desde 1974, o país sonha em transformar o Atlântico Sul em um santuário de baleias, área onde os animais estariam livres de ameaças e poderiam ser estudados. Desde 2001, o Brasil propõe a ideia do santuário sempre que possível. Já conseguiu o apoio de Argentina, África do Sul, Uruguai e Gabão. Na reunião em Florianópolis, a ideia, mais uma vez, foi submetida à votação, mas não alcançou os 75% dos votos necessários: foram 39

votos a favor, 25 votos contrários, três abstenções e duas ausências.

Caça para fins científicos

Não é a primeira vez que o Japão está no centro de polêmicas sobre a caça comercial das baleias. Em 2013, a Austrália denunciou o país na Corte Internacional de Justiça da Organização das Nações Unidas (ONU) por caçar baleias na Antártida. Segundo os australianos, os japoneses estariam burlando a proibição da caça comercial com uma autorização de caça para fins científicos. Apesar de proibir a captura desses animais marinhos para o comércio, a IWC permite que o Japão mate certo número de baleias por ano para estudos. Assim, o país tem capturado entre 300 e 500 animais por ano — foram 488 na temporada 2016/2017. A Austrália afirma que as pesquisas são uma desculpa para abastecer a indústria de carne de baleia japonesa. Além do Japão, Noruega e Islândia também são acusadas de quebrar regras da comissão para caçar os animais.

Mesmo com as pressões para rever o documento, a moratória da Comissão Baleeira Internacional que proibiu a caça comercial de baleias em 1986 é considerada um dos maiores sucessos da causa ambiental. Segundo a Whale and Dolphin Conservation, organização americana dedicada à proteção de baleias e golfinhos, no auge da caça comercial, em 1958, mais de 38 mil baleias eram mortas por ano em todo o mundo. Em 2016, esse número caiu para 1.480 animais. Estimar a população de baleias em todo o mundo ainda é difícil, mas sabe-se, por exemplo, que algumas espécies ainda correm risco de extinção, caso da baleia-franca-do-atlântico-norte. É preciso seguir com os esforços para ver as populações de baleias grandes e saudáveis outra vez.

Fonte: “ Gigantes protegidas, de Melissa Schröder.

<https://gutennews.com.br/webapp/caderno-leitura/1006/ca%C3%A7a-rejeitada>

Acesso em 7 de outubro de 2018.